

A INVENÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UMA ABORDAGEM DA ESCRITA DE SI EM C. S. LEWIS

João Lucas Alves dos Santos (Pós Crítica\UNEB)²⁴

Resumo: Com base na perspectiva da escrita de si como uma das formas da invenção do sujeito, invenção que se manifesta no sentido de um gesto político, ideia presente na estética da existência de Michel Foucault, propomos a investigação de uma escrita de si do escritor cristão C. S. Lewis em seus escritos autobiográficos e em suas obras ficcionais em forma de correspondência. Podemos sintetizar o viés de nossa abordagem na seguinte questão: como a escrita de Lewis o constitui enquanto sujeito cristão em seu momento histórico? O indivíduo que vai se constituir enquanto sujeito da fé cristã na Europa da primeira metade do século XX se deparou, sem dúvida, com questões completamente diferentes que, por exemplo, os cristãos dos primeiros séculos da era cristã, período em que Foucault estuda essa subjetividade. Assim, o sujeito cristão lewisiano em nenhum momento se descola do sujeito imaginativo, do sujeito que escreve e ler, do sujeito fruidor da arte e da literatura. Nesse sentido sua escrita criativa vai misturar gêneros textuais e campos disciplinares.

Palavras-chave: Escrita de si. C. S. Lewis. Cristianismo. Sujeito

INTRODUÇÃO

Na última fase do pensamento foucaultiano, ao desenvolver uma ética voltada para a estética da existência ou invenção de si, pautada no pensamento greco-romano dos dois primeiros séculos, Foucault destaca a prática da “escrita de si” como exercício de constituição da subjetividade. Em seus dois modos de configuração, os hupomnênata (caderneta de anotações) e as correspondência, a escrita de si configurou-se como uma forma de askêsis bastante praticada pelas tradições filosóficas epicuristas, estoicas, cínicas e até mesmo entre os primeiros cristãos. Essa perspectiva da “escrita de si” é fundamental para as discussões sobre a questão de uma teoria que procura fundamentar de que maneira um ser humano se transforma em sujeito, visto que a subjetividade não é algo dado pela natureza, mas uma invenção. O próprio Foucault admitiu, em certa oportunidade, ser essa questão o objetivo de toda sua pesquisa.

Com base nessa perspectiva da “escrita de si” como uma das formas de invenção do sujeito, invenção que se manifesta no sentido de um gesto político, propomos a investigação de uma “escrita de si” do escritor cristão C. S. Lewis em seus escritos autobiográficos e em suas obras ficcionais em forma de correspondência. Podemos sintetizar o viés de nossa abordagem na seguinte questão: como a escrita de Lewis o constitui enquanto sujeito cristão em seu momento histórico? O indivíduo que vai se constituir enquanto sujeito da fé cristã na Europa da segunda metade do século XX se deparou, sem dúvida, com questões completamente diferentes que, por exemplo, os cristãos dos primeiros séculos da era cristã, período em que Foucault estuda essa subjetividade.

²⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: lucasfanglic1@hotmail.com.

O início do século XX pode ser caracterizado pelo fim da modernidade e a ascensão do pensamento contemporâneo. Nesse contexto, as ideias de pensadores como Nietzsche, Marx e Freud reverberavam sobre toda a Europa; podia ser constatado, em diferentes aspectos, a chamada “morte de Deus” na cultura. Esse é o cenário em que o jovem Lewis acaba consolidando sua convicção materialista e ateuista do mundo. Em 1914, Lewis vai para o front da primeira Guerra Mundial lutar pela Inglaterra. Ao retornar de lá, retoma sua formação acadêmica e, um ano depois, passa a exercer a função de professor na universidade de Oxford. Em Oxford, ele conhece J.R.R. Tolkien e outros escritores cristãos que irão influenciá-lo na sua conversão. Em 1931, ao refletir sua própria experiência com a imaginação e a literatura, relutantemente, ver-se compelido a aderir a fé cristã.

Esse cenário histórico/intelectual que Lewis vivenciou até a sua conversão será o mesmo contexto escolhido por ele para ambientar a escrita de suas cartas ficcionais e as narrativas de seus dois livros autobiográficos. Além dessas escritas, consideraremos também como uma escrita de si nos termos foucaultianos um diário espiritual pelo luto de sua esposa (1961) e a coletânea de correspondências à uma senhora americana. Nesse sentido, a invenção do sujeito na escrita de Lewis irá mobilizar não somente a dimensão de uma experiência interior, mas também o cenário exterior, da sociedade, da cultura e dos acontecimentos em que estava inserido.

A ESCRITA DE SI NA INVENÇÃO DO SUJEITO

Foucault, na última fase de sua pesquisa, restaura a possibilidade da constituição do sujeito fora do discurso e das relações de poder, sem, contudo, devolvê-lo à posição central que possuía no idealismo metafísico. Essa fase derradeira de sua pesquisa se refere ao trabalho que empreendeu a partir do segundo volume da história da sexualidade. Ao debruçasse sobre as práticas do sujeito ético no período greco-romano, mais precisamente os dois primeiros séculos da era cristã, ele vai conceber um modo de subjetivação produzida pelo exercício do cuidado de si, onde essa constituição do sujeito é tomada do mesmo modo como um artista constrói sua obra de arte. A esse modo de vida Foucault dará o nome de *estética da existência* ou *arte de si mesmo*.

O cuidado de si ou *epimeleia heautoû* trata-se sempre, a despeito de outras abordagens mais generalizantes,

de ações que são exercidas di si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. Daí, uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios [...], por exemplo, as técnicas de meditação; as de memorização do passado; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc. (2010, p. 12).

É a partir dessa abordagem a respeito das práticas de si como técnicas de elaboração do sujeito que Foucault traz a “escrita de si” como uma dessas formas de invenção/modificação da

subjetividade. No artigo que escreveu sobre o assunto, Foucault vai analisar uma série de escritos de diversos autores da antiguidade como um modo de *askêsis* capaz de inventar o sujeito que escreve para si e para o outro. Para homens como Epícteto, “a escrita aparece regularmente associada à ‘meditação’, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presente um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real” (2017, p. 143).

Esse tipo de escrita, praticada nos dois primeiros séculos da nossa era, pode ser localizada em formas de escritas já conhecidas anteriormente, mas utilizadas para outros fins. Os *hupomnêmata*, primeira forma de “escrita de si” evocada por Foucault, poderia ser concebido como caderneta individual de anotações. Nesse período, essa espécie de livro foi comumente utilizada como local para anotações de citações, reflexões e pensamentos ouvidos ou que viam à mente (144). Assim, os *hupomnêmata* reuniam tudo aquilo que se pôde ouvir ou ler a fim de que, no momento oportuno, estivesse sempre disponível para servir como guia de suas ações. Nesse sentido, “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’. Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional”, e, “é a sua própria alma que se deve criar no que se escreve” (149).

A outra forma de “escrita de si” que Foucault identifica, e em que recai o interesse de nossa investigação, é a correspondência. Ele observa que a própria escrita pessoal do *hupomnêmata* poderia servir de matéria prima para os textos que seriam enviados aos outros. Mas, a que ressaltar, o texto da correspondência que, por definição, é destinado a outro, pode permitir também o exercício pessoal. Citando Sêneca, Foucault justifica: “ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz. A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (p. 150).

Normalmente, as cartas como um exercício da “escrita de si” revelavam uma atitude de direção exercida por um homem maduro e experiente a outro que ainda se encontrava em meio às suas atividades no corpo da sociedade. Contudo, a carta que era escrita pelo diretor experiente não se limitava apenas a aconselhar o dirigido, mas, ao ser escrita, continuava a exercitar àquele que dirige. Nas palavras de Sêneca, “quem ensina se instrui”. Podemos ver, desse modo, como a escrita de correspondência torna-se um exercício de constituição da subjetividade. Ao trabalhar no discurso verdadeiro para o destinatário, aquele que escreve, pela própria carta que envia, acaba por realizar um gesto sobre si mesmo, um olhar sobre suas próprias práticas.

Por outro lado, além da assistência espiritual que se presta àquele a quem se escreve, escrever a outro é também “se mostrar”, “se expor”, fazer aparecer seu próprio rosto perto da outra pessoa. Foucault esclarece que, dessa maneira, ao mesmo tempo em que “se abre” e “se mostra” ao

destinatário, quem escreve se oferece aos seus próprios olhos, através do que é dito sobre si mesmo. Assim, “a reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame” (152).

Diante dessa exposição da abordagem foucaultiana da “escrita de si” fica claro a perspectiva onde a prática epistolar constitui-se uma das formas com que o sujeito se inventa. Foucault compreendeu bem que o sujeito também se constitui através de práticas, de exercícios, de relações com outras dimensões do humano. O sujeito não é apenas uma consequência da relação do indivíduo com a cultura e com a história, mas ele também é construído por uma série de atitudes para consigo, para com os outros e para com o mundo.

O PAPEL DA ESCRITA DE SI EM C. S. LEWIS

Começamos a abordagem de uma “escrita de si” em C. S. Lewis partindo de cartas reais escritas pelo autor, pois é a partir desse tipo de escrita que Foucault identifica uma possibilidade de constituição do sujeito. Um livro publicado em 1967 trouxe a público o conjunto de correspondências escritas por Lewis a uma senhora americana entre 1950 (quando sua obra já estava bastante conhecida nos Estados Unidos) até a sua morte em 1963. A correspondente dessas cartas não teve seu nome divulgado a seu pedido, mas sabe-se que ela e C. S. Lewis nunca se encontraram pessoalmente. No prefácio à edição original feito por Clyde S. Kilby encontramos o seguinte comentário: “A tônica evidente destas cartas é o incentivo e a orientação espirituais, e é exatamente por isso que são valiosas”. Nesse sentido, é mais que garantido encontrarmos nessas correspondências o tipo de escrita semelhante aquele ao qual Foucault evoca na prática dos antigos.

Como alguém que alcançou certo reconhecimento em um período onde as cartas ainda eram o meio mais eficiente para a comunicação entre pessoas separadas pela distância, Lewis fazia questão de responder todas as cartas que lhe enviavam, mesmo que tenha declarado em sua autobiografia que um dos requisitos essenciais de uma vida feliz é “não ter de escrever quase nenhuma carta e jamais precisar angustiar-se com o carteiro batendo-lhe à porta”. Embora essa coletânea seja uma das mais longas trocas de correspondências de Lewis, não é a única que chega a mais de cem cartas. Por que então falarmos de uma “escrita de si” em suas cartas ficcionais e em outros escritos autobiográficos produzidos por ele no escopo de sua obra?

Para compreendermos bem essa empreitada é preciso que atentemos para o caráter dos escritos de Lewis a partir da sua experiência com o cristianismo e a literatura. Se quisermos ter um vislumbre dessa questão podemos evocar um comparativo entre Lewis e seu amigo e influenciador J.R. R. Tolkien. Podemos dizer que em Tolkien encontramos o mesmo tipo de experiência cristã e literária àquela na qual as obras de C. S. Lewis fazem referência. Todavia, diferentemente deste, não

há praticamente nada na produção de Tolkien que possamos pensar como uma espécie de “escrita de si” à maneira foucaultiana. Embora fosse um cristão fervoroso, não era a partir da escrita enquanto produção que Tolkien constituía sua subjetividade cristã; pelo contrário, teceu duras críticas a Lewis quando este passou a escrever sobre sua experiência pessoal com o cristianismo.

Essa “escrita de si” lewisiana começa basicamente quando a segunda Guerra mundial se instaura no cotidiano da Inglaterra. Em 1941 a BBC convida Lewis para dar uma série de conferências radiofônicas devido sua crescente popularidade como orador e teólogo popular em Oxford. O sucesso dessas conferências foi tamanho que outras três séries de conferências se sucederam entre os anos de 1942 a 1944. Os livretos baseados nessas conferências acabaram sendo reunidos para publicação em 1952, resultando em uma de suas principais obras, *Cristianismo puro e simples*. Duriez (2006) destaca que Tolkien achava que esse tipo de comunicação deveria ficar a cargo de eclesiásticos profissionais, chegando a comentar que, se teólogos de verdade tivessem começado a escrever teologia para leigos “o mundo teria sido poupado de C. S. Lewis”, evidenciando assim sua total desaprovação ao tipo de escrita que seu amigo começara a produzir. É parte dessa produção chamada como teologia popular que entendemos se tratar de uma escrita de si.

Nos anos 50, Lewis irá publicar uma espécie de autobiografia que recebeu o nome de *Surpreendido pela Alegria*. No prefácio dessa obra ele esclarece que o livro é uma abordagem de sua particular experiência com a beleza (que nessa obra é chamada de Alegria), aspecto que o fez sair do ateísmo para o cristianismo. Ele também salienta que essa é a segunda tentativa de abordar a questão, uma vez já havia tentado anteriormente. A tentativa a que ele se refere faz alusão ao livro *O regresso do Pelegrino de 1932*. Naquela oportunidade, Lewis tinha apenas um ano de convertido e essa era sua primeira publicação após esse evento. Diferente do primeiro, onde uma abordagem teórica é mesclada a uma narrativa cronológica da experiência de Lewis com a Alegria, *O regresso do pelegrino* faz esse mesmo percurso através da alegoria, à maneira de *O pelegrino* de Jhon Bunyan, um clássico da literatura cristã. O motivo que levou Lewis a reescrever uma mesma narrativa (de outra forma, é claro) é que lhe pareceu que, em *O regresso do Pelegrino*, a questão não havia ficado muito clara.

Não dá para falarmos de uma escrita de si em C. S. Lewis sem abordarmos esse tema central em sua vida e obra, — a experiência com a beleza — visto que seus dois livros autobiográficos têm como tema a exposição dessa experiência. Ao falar sobre como tentou descrevê-la nesses livros ele diz:

Quando escrevi *O regresso do pelegrino*, o que quis descrever foi uma experiência particular recorrente, que dominou minha infância e a minha adolescência e que eu, bastante afobado, chamei de romântica porque a natureza-morta e a literatura fantástica estavam entre as coisas que a evocavam. Ainda acredito que essa é uma experiência comum, que em geral é incompreendida, mas que tem imensa

importância; no entanto agora sei que, na mente de outras pessoas, ela surge em função de outros estímulos e é enredada por outros pequenos detalhes e que, trazê-la ao primeiro plano da consciência não é tão fácil quanto eu outrora supunha.

Este livro foi escrito em parte como resposta a pedidos de que eu contasse como passei do ateísmo ao cristianismo, e em parte para corrigir uma ou duas idéias falsas que parecem circular por aí. Até que ponto o relato importa a qualquer outra pessoa além de mim depende do grau em que os outros experimentaram aquilo que chamo de “alegria”.

Outra espécie de “escrita de si” lewisiana aparece em 1961, quando o autor escreve um diário espiritual por ocasião da morte de sua esposa. O livro *A anatomia de uma dor: um luto em observação* mostra o lado mais sombrio e amargo de Lewis, até então desconhecido dos seus leitores. Encontramos nesse relato o registro das etapas de sua profunda aflição pela morte de sua amada. A relação de Lewis com Joy Gresham durou, do primeiro encontro em 1952 até a morte de Joy em 1960, apenas oito anos. É possível vermos aqui como Lewis elabora o sujeito cristão frente ao sofrimento e a crise de fé, onde toda sua relação com Deus é questionada a partir da experiência do luto:

Nesse meio-tempo, onde está Deus? [...] volte-se para Ele, quando estiver em grande necessidade, quando toda outra forma de amparo for inútil, e o que você encontrará? Uma porta fechada na sua cara, ao som do ferrolho sendo passado duas vezes do lado de dentro (LEWIS, 2007, p. 31).

Além dessas duas escritas autobiográficas e de seu diário sobre o luto consideramos como uma escrita de si lewisiana seus dois livros escritos com a forma de cartas ficcionais. O primeiro, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, um diabo experiente escreve a seu sobrinho, um tentador em início de carreira, a fim de que este consiga levar à perdição um jovem humano no período da Segunda Guerra Mundial. Lewis, à maneira de Sêneca, usa a correspondência como exercício de direção: “a carta que é enviada para ajudar seu correspondente — aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo — constitui para aquele que escreve uma espécie de treino” (Foucault). Assim, fazendo uso do artifício da ironia, a escrita de Lewis traz na voz do autor ficcional o trabalho de criação de sua própria subjetividade como cristão.

À semelhança de *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, *Cartas a Malcolm* é composto de cartas fictícias a uma pessoa fictícia, Malcolm, enviadas por um C. S. Lewis fictício. No fundo histórico inventado por Lewis, Malcolm é um amigo que “Lewis” conheceu desde os dias de estudante em Oxford, a quem ele escreve 22 cartas sobre o tema da oração, e sobre muitas coisas mais, resgatando, inclusive, assuntos que haviam sido trabalhadas por Lewis na coletânea das cartas infernais. Apesar de termos apenas o lado de “Lewis” da correspondência, somos capazes de deduzir muitas coisas sobre Malcolm a partir daí. Duriez (2006) sugere que “a qualidade da amizade fictícia entre “Lewis” e Malcolm deve muito às amizades da vida real entre Lewis e Arthur Greeves, Owen

Barfield e Tolkien, apesar de Malcolm não ser claramente o retrato de qualquer um deles. Cartas a Malcolm foi o último livro a ser escrito por Lewis, tendo sido publicado um ano depois de sua morte.

CONCLUSÃO

Vimos que a “escrita de si” é uma das formas de constituição do sujeito dentro da perspectiva da estética da existência pensada por Foucault. Nesse contexto, a escrita epistolar se apresenta como uma dessas formas de escrita de si, prática muito utilizada na cultura greco-romana e cristã dos primeiros séculos. Ao abordarmos os escritos autobiográficos e as cartas ficcionais de Lewis como uma “escrita de si” evidenciou-se como o autor vai se constituir como sujeito cristão a partir da escrita sobre sua relação entre experiência transcendente e experiência estética. Como vimos, desde sua conversão, o sujeito cristão em Lewis em nenhum momento se descola do sujeito imaginativo, do sujeito que escreve e ler, do sujeito fruidor da arte e da literatura. Nesse sentido sua escrita criativa mistura gêneros textuais e campos disciplinares. Não tem como isolar sua escrita pessoal como uma escrita apenas subjetiva; enquanto fala de seus sentimentos e experiências Lewis trabalha fundamentos teóricos da teologia, literatura e filosofia ou cria excelentes obras ficcionais e poéticas.

REFERÊNCIAS

CASSIDY, Joseph P. Sobre o discernimento. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Org.). *C.S. Lewis*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 333-352.

DUREZ, Colin (2006). *O dom da amizade: Tolkien e C.S. Lewis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos, Vol V: Ética. Sexualidade. Política*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2017, p. 141-157.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado ao Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder/Entrevista com M. Foucault. In: *Ditos e escritos Vol IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2014, p. 118 a 151

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. In. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petropolis: Editora Vozes, 1996.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. O desespero humano (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LEWIS, C.S. A anatomia de uma dor: um luto em observação. São Paulo, Editora Vida, 2007.

LEWIS, C.S. Cartas de um diabo a seu aprendiz. São Paulo, Martins Fontes, 2009a.

LEWIS, C.S. *Cristianismo puro e simples*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

LEWIS, C.S. O peso de glória. São Paulo, Editora Vida, 2008.

LEWIS, C.S. O regresso do peregrino. Uma apologia alegórica ao cristianismo, à razão e ao romantismo. Rio de Janeiro: Ichtus Editorial, 2011.

LEWIS, C.S. *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

MARX, Karl. A Ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.